



PACHECO, Ronilso. **Teologia negra: o sopro antirracista do Espírito**. Brasília: Novos Diálogos; São Paulo: Recriar, 2019. ISBN: 979-65-80816-00-2

Wallace Soares da Cruz*

O livro “Teologia Negra”, do teólogo Ronilso Pacheco, foi publicado em 2019 pelas Editoras: Novos Diálogos (Brasília) e Recriar (São Paulo). Essa publicação representa uma grande contribuição para a comunidade teológica brasileira. Especialmente, para as pesquisadoras e os pesquisadores desse campo de estudos no Brasil. Pois, reflete sobre a história da formulação e desenvolvimento de uma Teologia Negra que inspirou na África, no Caribe, Estados Unidos e América Latina as lutas contra todo o processo de colonização, escravismo e de segregação racial, bem como de suas teologias aliadas e legitimadoras. O que torna a Teologia Negra e seu legado relevantes para o pensamento teológico contemporâneo.

Pacheco é formado em Teologia pela PUC-Rio, pastor auxiliar na Comunidade Batista em São Gonçalo, ativista no campo dos direitos humanos e colaborador de várias organizações, igrejas e movimentos sociais. Atualmente, é mestrando em Teologia pelo Union Theological Seminary, da Universidade de Columbia (EUA). Também é autor de outros livros, tais como: “Ocupar, Resistir, Subverter: Igreja e teologia em tempos de racismo, violência e opressão” publicado em 2016 (Novos Diálogos) e organizador de “Jesus e os Direitos Humanos: porque o reino de Deus é justiça, paz e alegria” (Instituto Vladimir Herzog, 2018) (p. 171).

Resenha recebida em 01 de novembro de 2019 e aprovada em 10 de dezembro de 2019.

* Mestrando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória. País de origem: Brasil. E-mail: soares.ensino@gmail.com

O autor entende a teologia como um campo de disputas. Para ele, a teologia nasce no deserto e esse é um dos pontos centrais para compreensão do livro. Pois, a teologia é fruto do testemunho dos marginalizados e dos oprimidos. Isto é, daqueles que buscam os caminhos para a libertação do “deserto”. Além disso, ele argumenta que a teologia emerge do “testemunho” dos sobreviventes das perseguições e opressões e não das estruturas de poder. Desta forma, a partir da Teologia Negra, a disputa sobre os sentidos do cristianismo é reaberta. (p. 8).

O sentido da expressão “deserto” é mais bem compreendido em Pacheco, a partir de como ele descreve o colonialismo e a questão racial. Para ele, o colonialismo integra a racionalidade moderna e foi sustentado ideologicamente por discursos teológicos que “identificavam o colonizador branco europeu com a figura de Cristo” (p. 8). Paralelamente, há uma teologia que fundada sob um discurso autoritário (autoridade racial). Trata-se da teologia colonial que insere o homem branco no centro de uma cosmovisão religiosa que se nutre e se reafirma na colonialidade.

Neste sentido, Ronilso Pacheco argumenta que as práticas e os sentidos da religião são invenções humanas e, portanto, constituídas pelo racismo estruturante das relações sociais. A Teologia Negra, portanto, é um elemento fundamental na disputa teológica. Essa teologia retrata um Cristo intrinsecamente ligado aos pobres e aos que sofrem, pois decidiu ser igual a eles na sua caminhada pela terra. Portanto, trata-se de uma teologia que prioriza a centralidade do testemunho dos que resistem como o mais importante elemento na concepção da religiosidade. Em suma, o rompimento com a herança colonial é a principal condição de possibilidade para uma relação com Deus.

Para Pacheco, não se trata de uma teologia contextual, mas um *sopro antirracista do Espírito*, isto é, “a Teologia Negra é uma das faces da ‘encarnação’ deste sopro, como uma ‘carta aos racistas’, uma epístola aos teólogos racistas e aos que, ainda que não se assumindo enquanto tal, sustentam uma estrutura de pensamento (teológico ou não) que se construiu racista” (p. 15). Neste sentido, o

autor recorre às contribuições de James Cone. Para Cone, a teologia negra precisa refletir sobre aquilo que significa ser negro. Portanto, ela é uma teologia da libertação negra. É a afirmação da humanidade negra que emancipa os negros do racismo branco, proporcionando uma autêntica liberdade, tanto para brancos bem como para os negros. (p. 17-54).

Além disso, o livro destaca que ao longo da história de opressão sempre houve luta por liberdade e sobrevivência. Segundo o autor, isso evidencia que ao longo da história a resistência foi impulsionada pelo *sopro antirracista do Espírito*. Por exemplo, personagens como Agostinho José Pereira, fundador da igreja “Divino Mestre” é apontado como “símbolo do quanto um Espírito, profético, libertador, e, por isto, profundamente antirracista acompanha, desde longe, o povo negro” (p. 15).

A obra está dividida em quatro capítulos. No primeiro, Pacheco argumenta que não há uma teologia universal, ou de domínio privado, mas é de todos. O termo teologia universal é compreendido como discurso teológico como todos os outros que sustenta à custa do uso do poder, capaz de silenciar, marginalizar e inviabilizar outros discursos. O segundo capítulo debruça-se sobre o conceito de teologia negra e como seus principais teólogos, teólogas e movimentos a concebem. Há uma abordagem que aproxima a Teologia Negra de seu público alvo: o racismo e o colonialismo.

O terceiro capítulo busca mapear a Teologia Negra. Isto é, proporcionar um diálogo entre a Teologia Negra e outros saberes, bem como outros autores e autoras. O quarto e último capítulo indaga sobre o que é fundamental para se construir uma Teologia Negra no Brasil. Argumenta sobre a importância de se conhecer aquelas e aqueles que contribuíram na narrativa da história dos negros e negras na sociedade brasileira.

Neste sentido, para Pacheco, a Teologia Negra só faz sentido se compreendida num contexto em que a colonialidade intrínseca da modernidade instituiu o racismo e o regime escravocrata como sistema e estrutura. Por isso, sem a compreensão de como o mundo é ‘racializado’, afirma o autor, “a partir da Europa, a Teologia Negra perde seu pano de fundo” (p. 17). Concomitantemente, também é necessário compreender as características e as chaves hermenêuticas usadas pela Teologia Negra.

Desta forma, Ronilso Pacheco presta uma grande contribuição para a comunidade teológica brasileira. A Teologia Negra pode ajudar consideravelmente no debate quanto aos legados da escravidão e as formas como opera o racismo na contemporaneidade. Além disso, representa um avanço para as pesquisas acadêmicas, pois, em geral, a maioria dos pesquisadores e pesquisadoras brasileiras recorrem às contribuições de James Cone.¹ Seria o momento oportuno para se construir uma Teologia Negra brasileira? O Brasil carece de teólogas e teólogos. Por isso, os esforços de autores como Pacheco indicam que o *sopro antirracista do Espírito* ainda não cessou.

¹ James Cone é um dos principais nomes da Teologia Negra. Porém, escreveu na década de 1960, a partir do contexto americano. Portanto, entende-se que é necessário passar pelas contribuições de Cone. Todavia, a sociedade brasileira ainda carece de teólogas e teólogos, motivados pelo sopro do Espírito, para produzir uma Teologia Negra a partir do contexto brasileiro.